

**A ESTRUTURA TRAGICÔMICA DO ROMANCE O DIA DO JUÍZO, DE
ROSÁRIO FUSCO**

Cassiana Lima Cardoso

Mestranda em Ciência da Literatura – Área: Poética

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientador: Antonio Jardim

Resumo:

A proposta da comunicação é apresentar uma breve análise da estrutura narrativa do romance *O Dia do Juízo*, de Rosário Fusco. Remontando às origens do Drama Satírico da Antiguidade Clássica, sob a égide de Dionísio, mostrar-se-á como o estilo mesclado da tragicomédia aparece já nas primeiras manifestações de culto ao deus do vinho e do prazer, inaugurando uma tradição cujo hibridismo será a base constitutiva do romance moderno.

Palavras- chave: TRAGICÔMICO, ROMANCE, DRAMA SATÍRICO.

O objetivo desta comunicação é apresentar uma análise da estrutura narrativa do romance *Dia do Juízo*, de Rosário Fusco. Propõe-se neste breve estudo, uma releitura sobre a estratificação dos gêneros literários, no que concerne

à classificação empreendida por Aristóteles, na *Arte Poética*. Além disso, a comunicação promoverá um retorno à base estrutural dos Dramas Satíricos da Antiguidade, apontando-os como primeira manifestação artística que inaugura o estilo híbrido da tragicomédia.

Aristóteles, no capítulo IV de sua *Poética*, 1449 a, 19-21, registra a origem da tragédia nos solistas do ditirambo, espécie de louvor a Baco, ou Dionísio como era chamado entre os gregos, o deus do vinho e do prazer.

A tragédia grega teve suas origens nos solistas do ditirambo, mediante um processo de transformação de peças satíricas, em cujo transcurso passou de assuntos menores, de fábulas curtas, para assuntos mais elevados, abandonando com isso, o tom jocoso da linguagem. (BRANDÃO, 1986, p.30)

O *Drama Satírico* é, pois, anterior à tragédia. Apesar do nome, o *Satírico* aqui no caso nada tem haver, nem literária, nem etimologicamente, com o vocábulo sátira, isto é, não pretende criticar os defeitos de uma pessoa ou época. Seu nome se deve ao fato de as personagens que lhe compunham o coro se disfarçarem obrigatoriamente de *Sátiros*, os eternos companheiros de Baco, que por meio de danças mímicas e rituais em honra de Dionísio, deram origem a representações rústicas executadas por um coro, cujo Corifeu reproduzia alguma aventura do deus:

Por sua natureza, o *Drama Satírico* é uma espécie de tragédia mais curta, porém mais próxima do ditirambo; por sua fantasia, com a mistura do grotesco e do sério, tornou-se ele uma tragédia bem-humorada, como lhe chamou Demétrio. Ocupa, pode-se dizer assim, uma posição intermediária entre *tragédia* e *comédia*. Da primeira participa pela identidade temática haurida nas mesmas lendas; pela conduta e nobreza de algumas personagens, que pertencem também ao mundo dos deuses e dos heróis; pelo majestoso e patético de certas cenas e, em geral, pela economia e graça de toda peça. Possui da comédia a graça picante e maliciosa e certa licenciosidade provocada pela presença dos *Sátiros* e, sobretudo, o desfecho que (...) é invariavelmente alegre e feliz. (BRANDÃO, 1986, p.32-33)

Aristóteles, em sua *Arte Poética*, caracteriza a tragédia como a representação de ações elevadas. Também na mesma obra, classifica a comédia como gênero inferior, por retratar caracteres pouco nobres, não merecedores da apreciação da sociedade. Entretanto, a volubilidade do caráter humano, ora propenso a ações dignas do mais alto altruísmo, ora protagonista das maiores vilezas, não será também uma possibilidade de interpretação do indivíduo? Tragicidade e ironia se interpõem na poética de *O Dia do Juízo*, trazendo à baila forças antagônicas que se chocam de forma agressiva. Razão e Emoção, Moral e Vontade, Prazer e Dor, Tragédia e Escárnio. A prosa percorre contornos da dualidade dionisíaca, cujo símbolo é a convergência entre a vida e a morte. A experiência poética que não se poupa da dor, mas também não abstém do riso, é por si só uma experiência dionisíaca, condizente com as origens do culto ditirâmico a esse deus. Porém, a tradição latina apresentou também em seus dramas aspectos da mescla de gêneros:

O termo tragicomédia foi utilizado pela primeira vez no prólogo do drama *Anfitrião* de Plauto, correspondente à necessidade de invenção de uma palavra latina, que traduzisse com precisão a síncrese da comédia e da tragédia, contida no mito e no culto de Dionísio, o Deus que ultrapassa limites e distinções de gênero e classe social (...) A conexão da tragicomédia de Plauto e dos dramas e teorias dramáticas do século XV até o século XVII, (...) permite compreender a vitalidade do gênero tragicômico (SOUZA, 2007, p.9)

A narrativa fusquiana, em *O Dia do Juízo*, constitui-se em um relato tragicômico por intercambiar em seu discurso situações aparentemente contraditórias. Ao lado de um relato que tem como personagens alcoviteiras, prostitutas, trapaceiros e rufiões, narra-se o percurso trágico de uma jovem personagem, Primavera, que já no próprio nome, carrega consigo uma contradição. A tragicidade caminha ao lado do viés cômico, pois o narrador não se constringe em por meio de suas digressões, tornar risíveis os dramas interiores de seus personagens.

A protagonista da história, Primavera, desde o nascimento, apresenta-se como alguém que possui uma máscara social definida, desenhada pela tradição

decadente de uma cidadezinha do interior. Filha de uma suposta traição, violentada sexualmente desde criança pelo imaginário popular da cidade, que atribui a sua árvore genealógica um desfecho já selado para sua existência, Primavera encarna uma personagem consciente de sua condição. O dístico que repete ao longo da narrativa “Deus me detesta, Deus me detesta e eu cumpro sua lei” (FUSCO, 1961, p.1), corresponde ao conceito do Deus institucionalizado, a entidade erigida pela cultura judaico-cristã a serviço de um ideal de conduta que ignora diferença. A essa “metafísica comportamental”, pela sua capacidade latente de separar natureza e cultura de aparências, une-se o constante estado de perturbação mental das personagens, que na expectativa de corresponderem à moralidade instituída que internalizaram, vivem aturdidadas pelo espectro da culpa e da autopurgação.

No entanto, no entender de Primavera, cumprir sua lei, significa não abdicar de si, de seu *ethos*, apesar de todas as linhas de força operarem nesse sentido. Primavera, portanto, representa a típica personagem trágica, que não se curva à concepção de destino (*moira*), por não ignorar quem é. Ultrapassando seu *metron* (medida de cada um), mas conhecendo a excessividade do próprio ser dentro das convenções sociais da realidade em que está inserida, Primavera encena sua *harmatia* de forma consciente e dolorosa. O elemento cômico dentro da estrutura trágica do romance, faz-se na presença do narrador onisciente, que se compraz em demonstrar o quão pífios e ilusórios são os argumentos que sustentam a fundamentação dos motivos que fazem com que Primavera seja passível desse tipo de julgamento, bem como a elaboração das justificativas dos demais personagens na ânsia de corresponderem às normas sociais. Ao tom trágico do discurso de Primavera, interpõem-se as abruptas e intempestivas intervenções do narrador, que mescla em sua voz, múltiplas variantes das ideologias que permeiam as relações humanas. Do discurso erudito, passando pela oratória dos tribunais de jurisdição, até chegar nos provérbios populares e vocábulos de baixo calão, escamoteia o narrador fusquiano qualquer possibilidade reflexiva que queira mensurar a validade deste ou daquele ato. Primavera contracena com caracteres que incorporam em suas condutas características próprias do viés cômico e deleitam esse narrador, que ao fundir sua voz aos monólogos dos personagens por

meio do discurso indireto, ironiza incessantemente a necessidade da razão humana em elaborar juízos e valores que legitimem seus desejos e atitudes.

Digamos que o sapo seja “feio”: mal feito não será nunca. Fabricado, artificial, pode também ser “belo”: é ou não é? Porque muita coisa (no mundo emocional, primeiro) que o meritíssimo pensa ter encontrado feita, vossa excelência é quem fabrica: como a religião, a arte e a moral, por exemplo. Ao meu eminente julgador, talvez repugne o que Jandorno fez à menina Primavera, e o que Pereirão fez a Jandorno, em represália : a mim não. O homem mata a franga e o galo não mata o homem. (...) Aos olhos de Deus, como tudo isso parecerá? Uma pândega? Não sei. Não sabemos. Crime e pecado não serão produtos nossos? (FUSCO, 1961, p.225)

A multiplicidade de vozes que permeiam a narrativa fusquiana permite ao leitor vislumbrar, por meio da saga de Primavera e seus companheiros habitantes do submundo, a infinidade de interpretações subjacentes a um mesmo fato. Possibilita também que leitor adivinhe, que no estranho teatro das relações humanas , subjaz oculto algo que lhe é de extrema familiaridade e que só a ambivalência tragicômica é capaz de trazer à tona por manter em choque os contrários complementares , Riso e Dor.

Na estrutura da narrativa do romance *O Dia do Juízo*, o drama se concentra na busca de interpretação que ponha ordem ao caos no mundo interior dos personagens mediante a tensão do mundo exterior. A intervenção irônica do narrador, vem nos mostrar porém, que tal ordenação é inviável. A prosa percorre os contornos da dualidade dionisíaca, cujo símbolo é a convergência entre a vida e a morte. A experiência poética que não se poupa da dor, mas também não se abstém do riso, é por si só uma experiência dionisíaca: a vida brota do fundo misterioso da morte onde a vida se refaz. O deus do vinho surge da força da natureza liberta; irracional e violenta, abriga o fogo do saber que a unidade de vigência dos contrários preserva:

A separação aristotélica dos gêneros da poesia trágica e cômica que se impôs à tradição literária ainda dominante, corresponde ao desígnio histórico da época clássica da Grécia, que se caracteriza pelo primado da análise e da

classificação filosófica em oposição ao conhecimento preconizado pelos poetas e pensadores antigos, que poematizam a unidade dual dos contrários que se complementam na intimidade ambivalente da natureza que bem quer ocultar-se e no duplo domínio do vivo. A representação do drama mesclado de alegria e dor da tragicomédia constitui a única forma artística que se compatibiliza com a reversa harmônica dionisíaca (SOUZA, 2000, p.03)

Reintegrar a dualidade do eterno conflito dos opostos complementares, aproximando os abismos da Dor e a desconstrução irônica do real, por meio Riso causticante: eis a base da poética fusquiana, da se tentou falar um pouco nesse trabalho.

Bibliografia utilizada:

BRANDÃO, Junito. **Teatro Grego: Eurípedes e Aristófanes.** Rio de Janeiro. Editora Espaço e Tempo, 1986.

FUSCO, Rosário. **O Dia do Juízo.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

SOUZA, Ronaldes de Melo. **Introdução à Poética da Ironia.** Revista Linha de Pesquisa. Rio de Janeiro, vol 01, número 1, 2000.

SOUZA, Ronaldes de Melo. **Atualidade da Tragédia Grega.** In: Filosofia e Literatura: o trágico. Org. Holzermayr Roonsenfeld, com colaboração de Francisco Marshal. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

